

Arte rupestre afogada no Tejo

por ÂNGELA CAIRES

Uma mensagem de 40 quilómetros, escrita nas margens do Tejo por homens que viveram há 8000 anos ficará em breve submersa pelas águas de uma nova barragem hidroeléctrica. Para salvar o achado, uma equipa de arqueólogos trabalhou durante dois anos. Mas, para decifrar os sinais gravados nas rochas pelos nossos antepassados, terá de ser usado um computador.



Panorâmica da barragem de Fratel, cuja albufeira afogara o complexo de arte rupestre do Tejo. Ao fundo, junto ao rio, o banco de xisto gravado da estação de Gardete

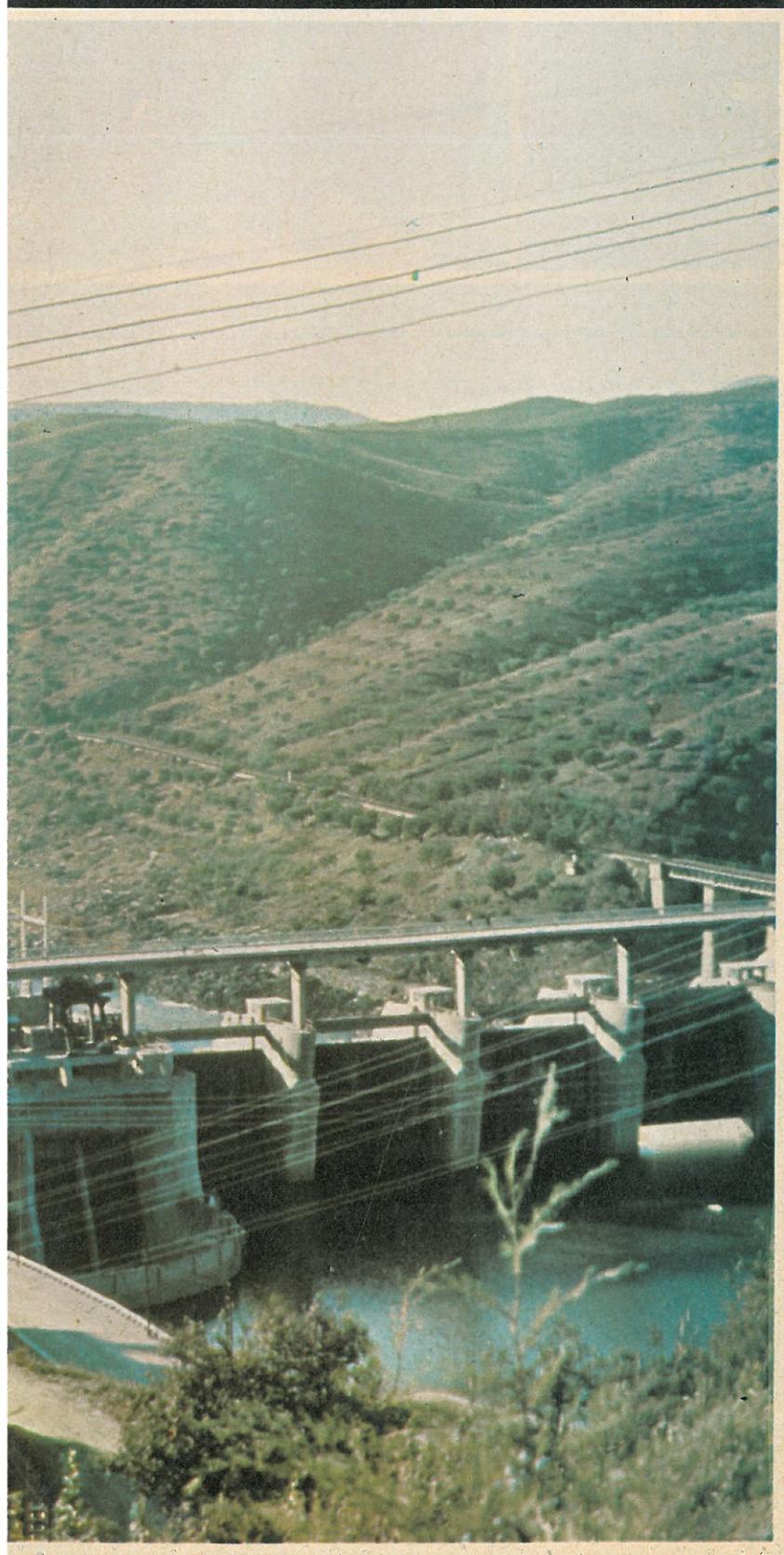


DESDE sempre os barqueiros e pescadores do Tejo conheciam aqueles estranhos desenhos nas margens do rio. Mas nunca lhes atribuíram importância de maior, ficando a surpresa apenas na memória da gente da região. Até que há dois anos ali chegaram os arqueólogos que concluíram:

Isto é obra do homem de há 8 mil anos.

Tinha sido descoberto, em Portugal, um dos mais imponentes complexos de arte rupestre da Europa e abria-se novo capítulo da Pré-História.

Gravada nos xistos do Tejo, a mensagem ocupava uma área de 40 quilómetros de extensão, entre os rios Ocreza e Sever, no concelho de Vila Velha de Ródão.



O futuro enterra o passado

A primeira notícia de que existia "qualquer coisa" nas pedras do Tejo teve-a provavelmente o dr. Paulo Caratão Soromenho, em 1946, quando uma pessoa da região lhe falou no assunto. Mas os anos passaram e o complexo de arte rupestre continuou mergulhado parte nas águas e parte na indiferença.

Apenas em Outubro de 71 se deslocou ao local o primeiro grupo de investigadores, composto por estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa.

Quase ao mesmo tempo, soube-se que estava em construção a barragem hidroeléctrica de Fratel, e que o tesouro arqueológico recém-descoberto viria a ser alagado pelas águas da albufeira.

Foi o alarme.

Aceleraram-se as investigações por parte da equipa empenhada em recolher dados para estudo sobre as pedras gravadas do Tejo, iniciando-se assim uma luta contra o tempo, sob a ameaça da inundação do local.

A barragem, agora concluída, deu origem a que as águas do Tejo já tivessem começado a subir de nível, "afogando" algumas zonas onde, num tempo perdido da memória, homens que nos antecederam se deram ao trabalho de picotar a rocha por motivos que ainda são mistério.

NESTES dois anos, foram explorados 70 quilómetros de margens rochosas, tendo por ponto de partida o banco de Fratel, onde foi descoberta a primeira estação de arte rupestre.

Investigações posteriores levaram à detecção de dez outras estações, em Gardete, Silveira, Chão da Velha, Ribeira de Niza, Cascalheira do Tejo, Ribeira de Ficalho, Cachão do Algarve, Lomba da Barca, Alagadouro e Cachão de S. Simão.

As atenções dos arqueólogos centraram-se, porém, em Fratel, onde parecia encontrar-se o mais importante conjunto.

Duma coisa, logo de imediato se deram conta os exploradores: a extrema importância que os conjuntos de arte rupestre do Tejo viriam a ter para o estudo do passado da Humanidade, embora o seu autêntico significado ainda permaneça envolto em enigma.

A equipa de exploração, que entretanto obtivera do Ministério da Educação Nacional autorização para estudar a zona, passou a ser orientada pelo dr. Eduardo da Cunha Serrão, presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e constituída por Francisco de Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, ambos alunos do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa, e pela dra. Maria de los Angeles Querol, assistente da Universidade Complutense de Madrid.

Um novo grupo de estudantes universitários juntou-se aos pesquisadores, tendo uma equipa de dez a quinze pessoas participado efectivamente nos trabalhos.

Os barqueiros e pescadores do Tejo também tiveram papel preponderante nas pesquisas efectuadas no rio: foram eles que indicaram os locais onde desde sempre tinham visto pedras escritas.

Os habitantes da região também foram consultados, na hipótese de haverem sobrevivido até aos nossos dias lendas que ajudassem a levantar o véu sobre a existência dos mais remotos ocupantes da Península.

Por outro lado, e enquanto este grupo procurava as raízes do passado longínquo, as necessidades do futuro próximo obrigavam a que prosseguisse o ritmo de construção da barragem hidroeléctrica.



Muitas das gravuras encontradas contêm motivos geométricos (Cachão do Algarve)
Na estação de São Simão, foram descobertas estas gravuras representando um animal e três figuras antropomórficas

No banco de Fratel encontram-se gravadas estas cenas com figurações de estilo seminaturalista, acompanhadas de motivos geométricos





Condicionados à ameaça das águas da albufeira, os exploradores tiveram de recolher, num tempo mínimo, o máximo de elementos sobre 8 mil anos da história do passado do homem.

Estavam empenhados grandes capitais na construção da barragem, e não era possível parar os trabalhos, uma vez que este aproveitamento hidroeléctrico é de grande interesse para o desenvolvimento económico do País.

A solução encontrada pela equipa de investigadores, pressionada pela urgência de acelerar a recolha de dados para estudo, foi a transposição, para moldes, das gravuras rupestres encontradas.

Deste modo, estão hoje arquivadas no Museu Arqueológico de Belém as reproduções fiéis das pedras escritas do Tejo.

— Foi a primeira vez que a nossa equipa usou este método para copiar as gravuras rupestres — disse-nos o dr. Eduardo da Cunha Serrão, acrescentando que se trata “da mais moderna técnica para obtenção de reproduções exactas”.

Os moldes foram obtidos espalhando borracha sintética líquida, directamente na pedra, conseguindo-se assim o negativo da gravura.

A partir do negativo, uma aplicação de gesso permitiu obter o positivo, sendo este mais tarde pintado com as cores naturais da rocha.

PARALELAMENTE, decorreram os trabalhos de cartografia e fotografia, tendo sido reproduzidas todas as áreas com gravuras rupestres.

Deste modo, aquele trecho do vale do Tejo com interesse arqueológico encontra-se a salvo, guardado no museu.

Graças a esta “operação de salvamento”, os arqueólogos de hoje e do futuro terão material para estudo do que aconteceu, entre nós, com o homem de um tempo remoto. De certo modo, pode afirmar-se que a equipa de exploração do complexo de arte rupestre do Tejo conseguiu salvar a mensagem do nosso antepassado.

Mas para ler o que se encontra escrito nas rochas, será preciso um computador.

Representação zoomórfica da estação de São Simão. O corpo é conseguido através de um picotado denso

Considerado “imóvel de interesse público”, o complexo de arte rupestre do Tejo pode conter solução para capítulos ignorados do homem e é possível que contribua para uma datação mais perfeita dos outros achados arqueológicos.

— É admissível, mesmo, que se trate de uma escrita ideográfica — afirmou o dr. Eduardo da Cunha Serrão, no decurso de uma comunicação apresentada à Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Na hipótese de se tratar de escrita ideográfica, que mensagem terão os homens deixado nas pedras do Tejo? Teria sido um hino de alegria ou um desesperado apelo?

Algumas escritas do passado foram já decifradas por intermédio de computadores. Mas para equacionar dados, o computador necessita que lhe sejam fornecidos termos de comparação. E nada se sabe, por enquanto, acerca do povo que escreveu no vale do Tejo.

CAUTELOSAMENTE, porque os homens da ciência procuram o rigor, os investigadores têm-se esquivado a afirmações definitivas.

No entanto, o entusiasmo da descoberta levou a uma “provisória interpretação” do dr. E. C. Serrão, que admitiu “a hipótese de que os bancos de xisto do Vale do Tejo tivessem desempenhado as funções de santuário de cultos zoo-heliolátricos”.

E também, que “ainda que nos escapem, por enquanto, muitos pormenores que nos permitam traduzir melhor o simbolismo de tais conjuntos, presente-se que a maioria resulte de práticas culturais em que o Sol, mais ainda do que os animais, centraria as preocupações mágico-religiosas dos autores das insculturas”.

Esta primeira análise baseou-se no carácter das gravuras descobertas, em que se encontram representados animais, homens, e motivos geométricos, com formas de circunferências, círculos, alguns dos quais rajados, e espirais.

A ausência de desenhos de peixes, aves e barcos, assim como outras observações, levaria a uma nova interpretação, recentemente exposta em conferência de Imprensa realizada em Lisboa pelo arqueólogo italiano prof. Emmanuel Anati, que ao nosso país se deslocou a convite da equipa de estudo do complexo de arte rupestre do Tejo.

Um Deus à nossa porta

O Tejo, o mesmo rio que passa às portas de Lisboa, teria sido — de acordo com a teoria do prof. Anati — um *rio divinizado pelos homens das épocas secas, imediatamente anterior (boreal) e posterior (sub-boreal) à fase climática húmida chamada "Atlântica."*

Ao deus-rio, os homens faziam oferendas (as gravuras agora descobertas) como culto da água que lhes faltava.

Nesses períodos de seca, em toda a Europa houve abaixamento acentuado das águas dos rios.

E aqui segue-se a revelação mais espantosa sobre o achado arqueológico do Tejo, feita pelo prof. Anati:

"As gravuras do Tejo são de duas épocas, uma de há cerca de 8 mil anos, e outra de aproximadamente 3 a 2500 anos (Neolítico, correspondente à cultura megalítica)."

As afirmações do prof. Anati levam à conclusão de que os homens da

Pré-História escreveram nas pedras do Tejo em dois períodos diferentes: numa época de seca do Mesolítico, após o que sucederam milénios de chuvas que, durante o Neolítico, provocaram devastadoras cheias e inundações; e, decorrida essa fase húmida, quando o rio voltou a atravessar uma longa seca, os homens, que nessa altura viviam na época megalítica, voltaram a escrever nas rochas das margens, acrescentando, à laia de "post scriptum", mais uns quilómetros à crónica já iniciada.

Ainda segundo o prof. Anati, que corrobora a opinião já manifestada pela equipa portuguesa, "as composições gravadas devem ter significado ideográfico de difícil interpretação. Não há elementos gravados (assim parece) que se relacionem com o rio (peixes, barcos) porque ao rio não se oferecia o que o rio possuía, mas sim o que lhe faltava e os homens tinham (animais, figuras humanas, etc.)".

Anati admitiu ainda que, se a sua teoria fosse confirmada por verificações feitas nos microterraços do vale do Tejo, as estações encontradas seriam da maior importância para todos os restantes grupos de arte rupestre peninsulares, nomeadamente do Noroeste, Andaluzia e Levante.

No vale do Tejo (estação de São Simão) observam-se os terraços cujo estudo geológico muito contribuirá para uma datação das gravuras



NÃO é fácil, pois, ler o que escreveram os homens que nos antecederam no tempo. Pelo facto de, no complexo de arte rupestre do Tejo, ter aparecido grande número de representações de animais associados a círculos, poder-se-ia admitir que exprimissem rituais venatórios, de fecundidade, ou cerimónias totémicas.

Mas, segundo o dr. E. C. Serrão, "a uma classificação deste tipo opõem-se vários obstáculos, porque não sabemos se o sentido que nós damos hoje aos termos religião, cerimónias totémicas, venatórias, etc., poderá aplicar-se a povos cuja mentalidade desconhecemos".

Esta é uma das dúvidas que frequentemente surgem no decurso de investigações sobre achados arqueológicos, quando os peritos recorrem à técnica de comparação conhecida por "paralelo etnográfico", definida pela dra. Mary Douglas ("A Sociologia"—PEA) como "um processo que consiste em deduzir muitas coisas sobre uma sociedade pré-histórica comparando-a com uma sociedade viva".

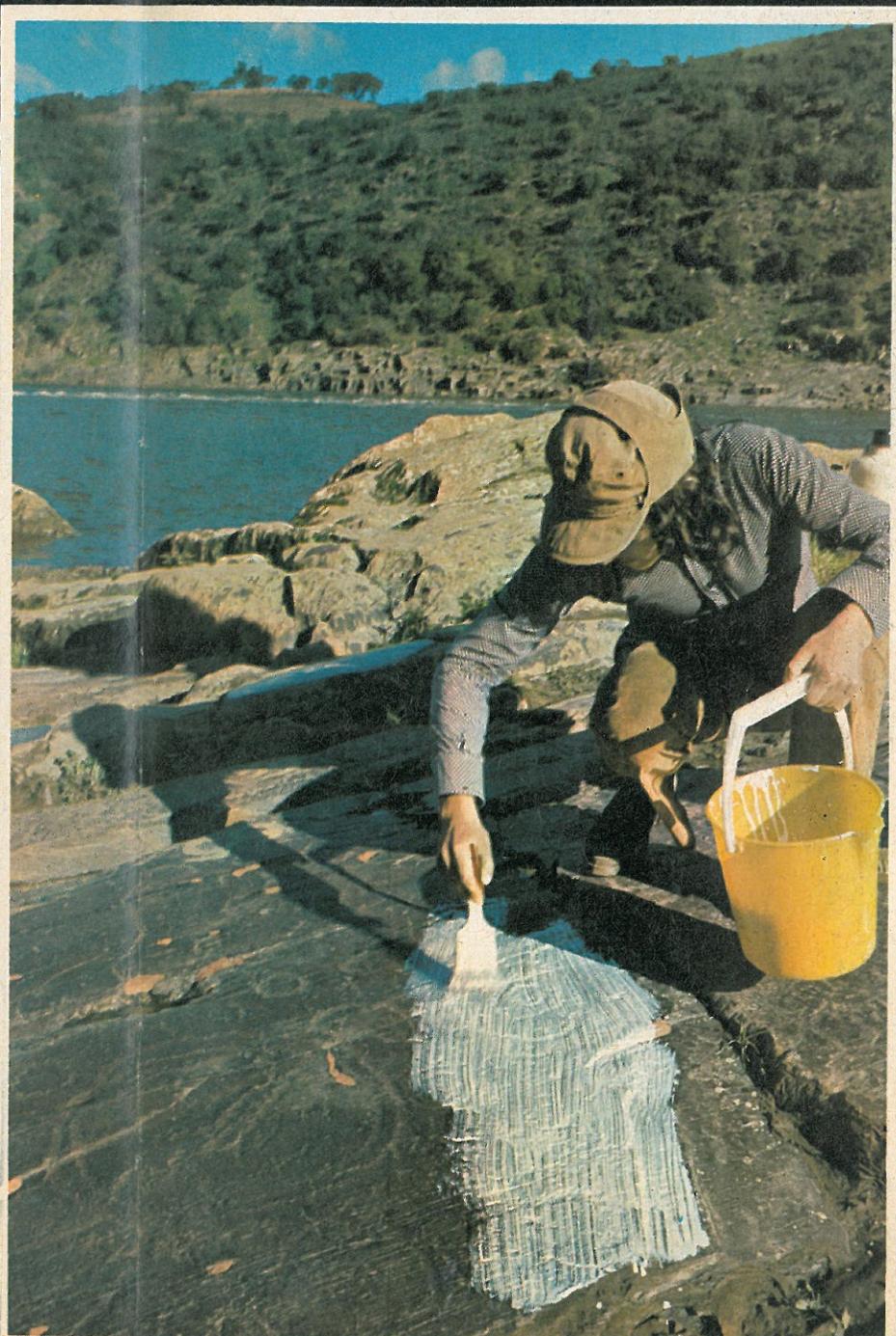
Este método de comparação, evidentemente, tem os seus riscos — razão pela qual, além de outras, os arqueólogos se mostram reticentes em apresentar teorias espectaculares sobre o que teria acontecido há cerca de dez milénios, no vale do Tejo.

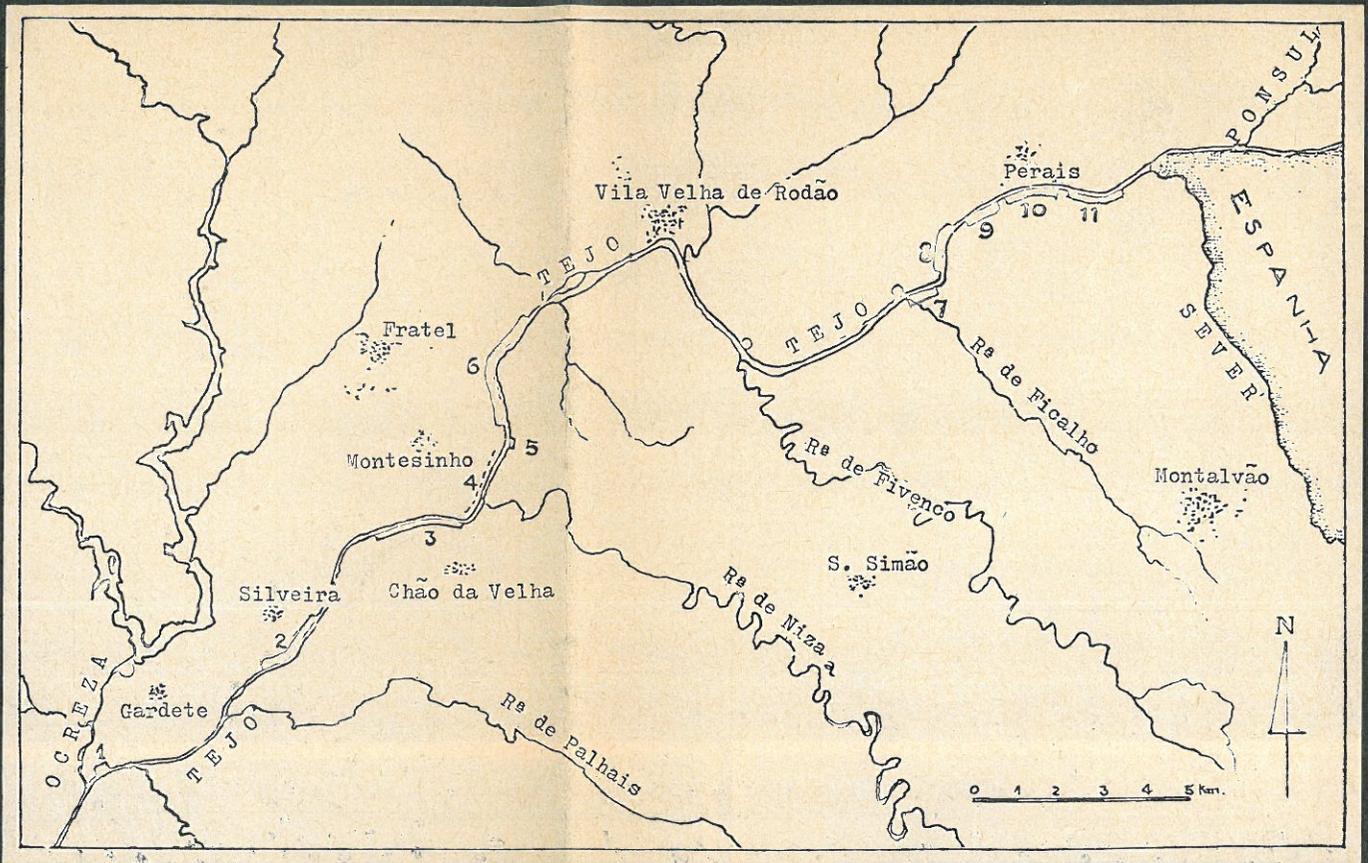
São unânimes, porém em considerar que todas as gravuras descobertas, formando centenas de conjuntos, ao longo dos 40 quilómetros de margens rochosas, têm algo em comum: predomina uma analogia de motivos que leva a classificar todas as insculpturas como parte do mesmo complexo.

E aqui ressalta o que há de mais maravilhoso neste achado: existe uma "sequência" nos diversos grupos de gravuras, como uma "carta" composta de frases que se interligam.

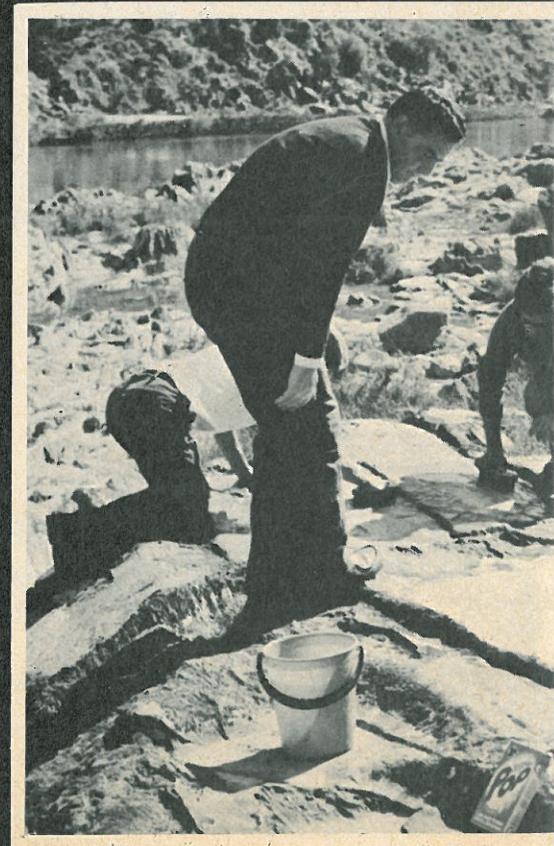
Como houve um hiato de alguns milénios entre a primeira e a segunda fase das gravações, mais surpreendente é notar que os homens retomaram o gosto (ou a necessidade?) de continuar a gravar nas rochas novos capítulos de uma história anterior, aparentemente inspirados nos mesmos motivos.

Para salvar o complexo de arte rupestre do Tejo, os moldes recolhidos na imagem foram guardados no Museu Arqueológico de Belém





Este conjunto de representações geométricas faz parte das gravuras rupestres da estação Cachão do Algarve.



Esta foi uma das conclusões a que chegaram os arqueólogos e etnólogos que até ao momento se debruçaram sobre o estudo dos petróglifos do Tejo.

Embora, em termos de arqueologia, 5000 anos pouco signifiquem para o leigo, subsiste a surpresa de saber que homens separados pela longa fase do clima atlântico escreveram a mesma coisa, ligados por um fio invisível cuja ponta se escapa entre os nossos dedos.

OUTRO aspecto fascinante da análise das gravuras encontradas será o facto de, tanto o homem de há 8000 anos como o seu sucessor terem utilizado a mesma técnica.

Realmente, a picotagem foi o único processo de gravação utilizado nas margens do Tejo, nas duas fases distintas a que se reporta o complexo.

Pela picotagem, o artista do Neolítico criou o tipo de gravuras hoje classificadas como "litosticticas"; "que se se obtém picando a rocha e nela marcando o respectivo sinal por ablação de lascas sucessivas, que se fazem saltar a pico ou a ponteiro" (Santos Júnior, **Arte Rupestre**).

No caso particular do vale do Tejo, muitas das gravuras estão esboçadas apenas pelo contorno, enquanto noutras o trabalho de picotagem se estendeu ao interior. Por este segundo método, foi

conseguido um maior destaque das insculturas e o seu enriquecimento em pormenores.

Nada de novo, segundo parece, teria sido descoberto no campo da técnica de gravação, durante os milénios em que as margens do rio estiveram impraticáveis.

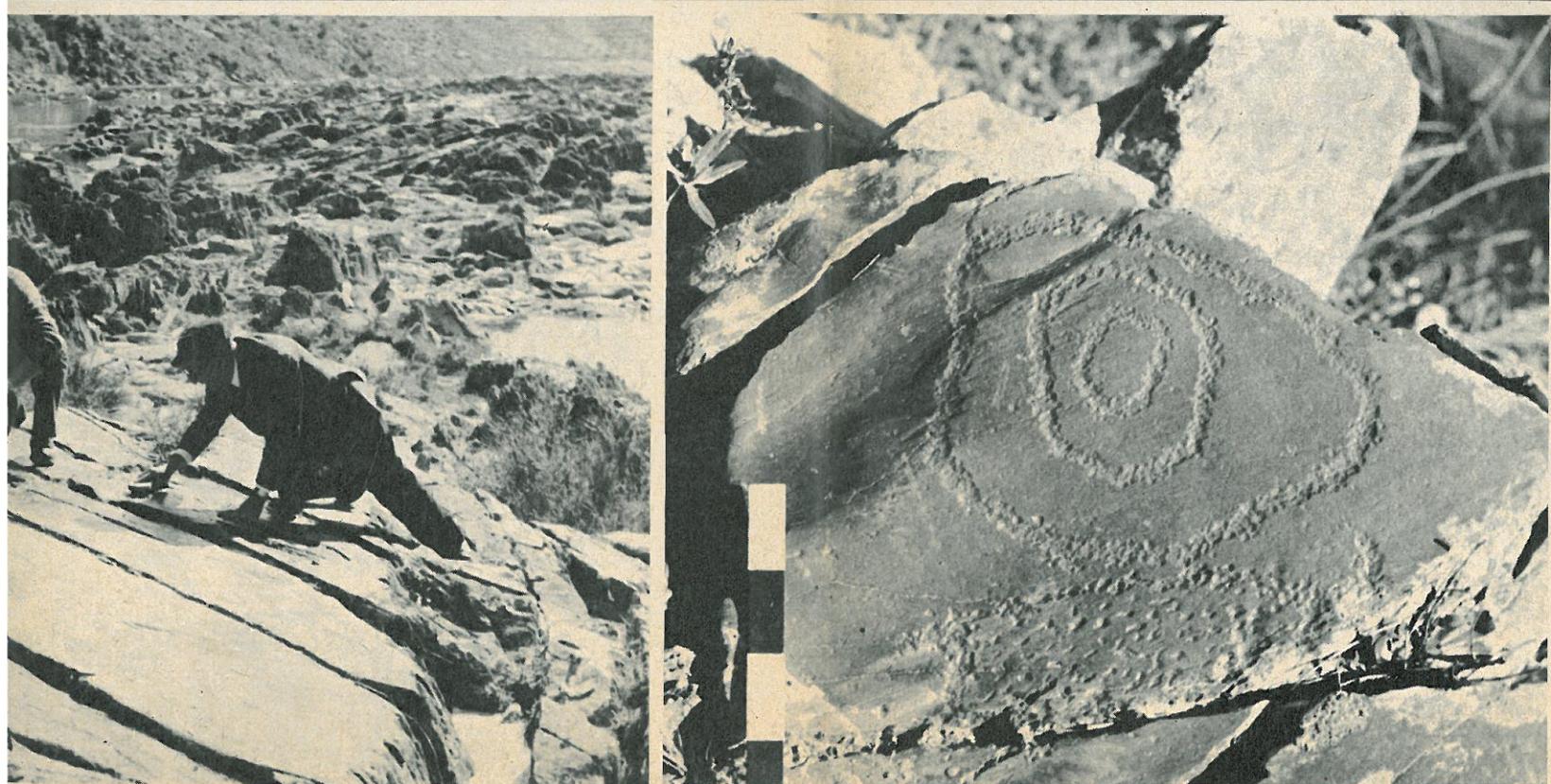
Seremos julgados no futuro

SÓ o tempo permitirá avaliar em profundidade a importância da descoberta.

"Limitámo-nos a recolher, exhaustivamente, documentação que proporcione dados para futura investigação, dados por cuja perda seríamos justa e severamente acusados" — afirmou ao "S.I." o responsável pela equipa que procurou salvar o tesouro arqueológico do Tejo.

Este capítulo do passado do homem, ainda indecifrado, passou despercebido até à data devido, em parte, às condições inóspitas da região. Naquela zona de rochas escarpadas e de difícil acesso, o Tejo apenas é conhecido de barqueiros e pescadores. Os próprios pastores raramente descem às margens, vigiando à distância o gado que mata a sede no rio.

O grupo para o estudo do paleolítico português procede à elaboração de moldes das gravuras rupestres do Tejo





Na estação de São Simão foi descoberto este grande conjunto de formas geométricas, constituídas por espirais, círculos associados e formas meândricas

Outros factores concorreram para o retardamento na exploração arqueológica, finalmente levada a efeito com o apoio do Ministério da Educação Nacional e da Fundação Gulbenkian, que concederam subsídios.

Enquanto por todo o mundo se assinala a descoberta de gravuras rupestres como um manancial de fontes de estudo sobre o passado do homem, entre nós, o nosso tesouro mais importante esteve ignorado no decorrer de toda a nossa existência na Península Ibérica.

Finalmente, divulgado o seu interesse e confirmado por eminentes arqueólogos, está condenado à sepultura por debaixo da albufeira da barragem hidroeléctrica de Fratel.

Em breve, as águas submergirão toda a área, mergulhando de novo nas trevas a escrita pré-histórica que sobreviveu a tantos cataclismos.

Segundo esclarecimento do dr. E. C. Serrão, "as águas da albufeira em nada afectarão as gravuras".

Elas continuarão intactas, mas inacessíveis.

POR seu lado, e durante a sua estada entre nós, o prof. Anati sugeriu que, de vez em quando, se fizesse esvaziar a albufeira, a fim de que os olhos humanos pudessem apreciar o verdadeiro museu que se encontra lá no fundo.

"Seria bom que, pelo menos uma vez por ano, a albufeira da barragem pudesse descer, permitindo que nas suas margens se realizasse um autêntico festival de cultura que ali atrairia, sem dúvida, todos os grandes arqueólogos e historiadores do mundo" — afirmou aquele cientista.

Enquanto se espera, e sem acesso a outra informação, restam os moldes que reproduzem as gravuras, e as fotografias que as inserem no seu meio ambiente.

Ea partir destes documentos que se elaborarão daqui para o futuro as teses de interpretação sugeridas pelos motivos gravados pelo remoto habitante da Península.

No caso particular do vale do Tejo, os motivos são geométricos, zoomórficos e antropomórficos, podendo, através do seu estudo, chegar-se a uma melhor identificação do nosso distante antepassado.

Pelas suas características gerais, os petróglifos litostícticos do Tejo integram-se no círculo galaico-português, onde se evidenciam os factos de terem sido produzidos em rochas expostas e não em cavernas, pela técnica usada, e pelo estilo simbólico das composições.

Apresentando um panorama geral da arte rupestre no mundo, numa comunicação feita no decorrer de uma sessão realizada na sede do



Conjunto gravado em que pode ver-se uma figura antropomórfica sob uma representação zoomórfica de estilo seminaturalista

Grupo Amigos de Lisboa, em Novembro de 72, o dr. E. C. Serrão afirmava que "o grupo mais importante é o da região franco-cantábrica, em que as produções, principalmente pinturas, se fizeram dentro de grutas; e nelas ficou registada uma autêntica eclosão da arte, demonstrando que os homens pré-históricos do trigésimo até ao décimo milénio a.C. possuíam **todo o potencial artístico do homem actual**. Mas, evidentemente que o grupo de arte rupestre do Tejo, que nos interessa hoje, não se pode incluir no referido complexo de arte rupestre franco-cantábrico. Pertence a um período posterior chamado de arte rupestre pós-paleolítica".

Existem gravuras ou pinturas rupestres deste período em todos os continentes. Na Península Ibérica, foram descobertos e classificados dois grandes grupos: o do Levante, com pinturas, e o do Noroeste, com gravuras. Na África, há os núcleos do Sará e da África Austral. E, na Europa, foram descobertos os grupos do Centro (Vale Camónica, Mont Bego, Ile de France) e da Escandinávia, além de outros, localizando-se o vale do Tejo no grupo do Noroeste ibérico.

Segundo uma comunicação do grupo que explorou o complexo do Tejo, "o estudo das manifestações de arte rupestre é de um interesse capital, sob muitos pontos de vista. Indirectamente fornecem elementos sobre o meio ambiente que rodeava o homem, sobre a fauna, os costumes e tecnologia: representação de armas, de cenas de luta, de agricultura, de dança, de caça, etc. Mas, acima de tudo, as estações de arte rupestre são de um grande valor "em si" pois dão-nos directamente acesso à mentalidade, à sensibilidade religiosa e estética dos seus autores".

Mas, apesar do carbono-14 e dos computadores ao serviço da arqueologia, escreveu a dra. Mary Douglas no seu estudo sobre "Sociologia" que "as nossas técnicas actuais são tão limitadas que não podemos fazer senão suposições sobre as crenças e comportamento dos povos pré-históricos".

NO autêntico museu ao ar livre que o homem da Antiguidade nos deixou nas margens do Tejo pode estar a chave de alguns enigmas que fascinam a Humanidade. A curiosidade sobre o passado do homem tem levado, na actualidade, ao aparecimento de livros e artigos contendo por vezes teses fantásticas, apoiadas na interpretação, sempre duvidosa, de provas materiais ou, mesmo, em vagas superstições.

De concreto, pouco se sabe sobre o homem da Pré-História, ficando a porta aberta à imaginação.

As descobertas que, no nosso tempo, se sucedem, revelando novos achados arqueológicos, podem conduzir à solução do mistério mais antigo de sempre: o homem à procura de si próprio, na busca do seu passado incógnito.

No caso do complexo de arte rupestre do vale do Tejo, sabe-se apenas, e por agora, que nas margens do rio viveu gente há muitos milénios, que provavelmente amou, sofreu e passou — deixando gravada na pedra a prova da sua existência de ser pensante.

Na estação de Fratel, foi encontrada esta representação zoomórfica (cervídeo) de corpo segmentado, pertencente ao primeiro horizonte arqueológico do vale do Tejo



Este texto foi baseado em elementos técnicos fornecidos pelo dr. Eduardo da Cunha Serrão, e ilustrado com fotos cedidas por Mário Varela